



A ABORDAGEM TRIANGULAR COMO FERRAMENTA DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA CAMPESINA NO ENSINO DE ARTE¹

THE TRIANGULAR APPROACH AS A TOOL FOR VALUEING RURAL CULTURE IN ART EDUCATION

DOI: 10.5281/zenodo.16335011



Suzete Rodrigues Cordeiro Cipriano²
Charles Portos Rodrigues³
Dayvison Bandeira de Moura⁴

- 1 Estudo orientado pelo professor Dr^o Francelino Alves Henriques. Orientador. Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa (1978), mestrado em Maestria e Pedagogia Profissional - Inst. Sup. Pedag. para la Educ. Téc. y Profes. 'Hector A. Pineda Zaldívar' (2003) e Doutorado em Ciência da Educação - Universidad del Norte (2008) reconhecido pela Universidade Católica de Petrópolis .
- 2 Professora, Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UAG), Pós-graduada em Supervisão Escolar e Gestão Pedagógica pela Universidade de Pernambuco (UPE). Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Iberoamericana (UNIB). Atua na Educação Básica, Ensino Fundamental I na Escola Estadual Terezine Arantes Ferraz Bibliotecária. São Paulo- SP. Brasil.
- 3 Professor, Pedagogo. Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Tecnológica Intercontinental (UTIC), Discente do Curso de Doutorado em Ciências da Educação Programa Brasil UNADES – PPGE CIA/UNADES. Atua na Educação Básica, Ensino Fundamental I na Escola Anfilófilo de Souza Campos. Itiquira-MT. Brasil. charlesportos@hotmail.com. <http://lattes.cnpq.br/3906974628721578>
<https://orcid.org/0009-0001-0785-5525>
- 4 Professor. Possui formação em Letras Vernáculo e em Educação, com ênfase em Análise de Discurso Crítica (ADC). Doutor em Ciências da Educação e realiza pesquisas sobre currículo, ensino de Língua Portuguesa, e questões étnico-raciais. Ele atua na educação básica pública e participa de eventos e discussões acadêmicas relacionadas a temas de diversidade, identidade e poder. Ele é vinculado a instituições de ensino superior e à rede de escolas públicas. Diretor do Programa Brasil UNADES – PPGE CIA/UNADES. Camaragibe – PE. Brasil. analistadodiscursos.bandeira.pe@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/0662218330901650>



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



RESUMO

Este artigo analisa a aplicabilidade da Abordagem Triangular, proposta por Ana Mae Barbosa, como instrumento pedagógico para a valorização da cultura campestre no ensino de arte em escolas rurais. Fundamentado em um estudo de caso realizado em uma escola do Agreste pernambucano, o texto discute os impactos da mediação estética e cultural pautada na tríade "fazer, contextualizar e fruir", enfatizando experiências com a obra da artista popular Dona Sebastiana. Os resultados apontam que o uso dessa metodologia fortalece identidades locais, amplia a expressividade dos estudantes e contribui para uma prática educativa crítica, inclusiva e socialmente engajada.

Palavras-chave: Ensino de arte; Abordagem Triangular; Cultura popular; Educação do campo

RESUMEN

Este artículo analiza la aplicabilidad del Enfoque Triangular, propuesto por Ana Mae Barbosa, como instrumento pedagógico para la valorización de la cultura campestre en la enseñanza del arte en escuelas rurales. Basado en un estudio de caso realizado en una escuela del Agreste pernambucano, el texto discute los impactos de la mediación estética y cultural fundamentada en la tríada "hacer, contextualizar y disfrutar", enfatizando experiencias con la obra de la artista popular Dona Sebastiana. Los resultados señalan que el uso de esta metodología fortalece las identidades locales, amplía la expresividad de los estudiantes y contribuye a una práctica educativa crítica, inclusiva y socialmente comprometida.

Palabras-clave: Enseñanza del arte; Enfoque Triangular; Cultura popular; Educación del campo.





1. INTRODUÇÃO

A educação nas escolas do campo enfrenta desafios históricos relacionados à exclusão simbólica e à negação das culturas locais. No ensino de arte, esse cenário se traduz na predominância de abordagens descontextualizadas, centradas em modelos urbanos e eurocentrados, que ignoram os repertórios expressivos das comunidades rurais. Tal descompasso compromete o potencial formativo da arte enquanto linguagem sensível, crítica e identitária.

Frente a esse contexto, torna-se necessário repensar metodologias que possibilitem a inserção da cultura popular no currículo escolar. A Abordagem Triangular, proposta por Ana Mae Barbosa⁵, apresenta-se como uma alternativa potente, ao integrar três eixos — produção artística, leitura de imagens e contextualização sociocultural — de forma articulada, crítica e situada.

Este artigo analisa a aplicação da Abordagem Triangular no ensino de arte em uma escola rural do Agreste pernambucano, a partir da experiência com obras da artista popular Dona Sebastiana. Busca-se compreender como essa metodologia pode fortalecer vínculos culturais, ampliar a expressividade dos estudantes e transformar o ensino de arte em instrumento de valorização do território e de promoção da justiça social.

5 É uma das principais referências da arte/educação no Brasil. Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo (USP), foi diretora do Museu de Arte Contemporânea da mesma instituição e presidente da Associação Internacional de Educação pela Arte. Sua contribuição teórica mais conhecida é a Abordagem Triangular, metodologia que propõe a articulação entre produção artística, apreciação estética e contextualização sociocultural no ensino de arte.





2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A ABORDAGEM TRIANGULAR COMO MEDIAÇÃO CULTURAL NO ENSINO DE ARTE NAS ESCOLAS DO CAMPO

A construção de uma proposta pedagógica sensível às realidades socioculturais das escolas do campo demanda o reconhecimento das múltiplas linguagens que atravessam os sujeitos que nelas habitam. Nesse sentido, a Abordagem Triangular, concebida por Ana Mae Barbosa, configura-se como uma metodologia que contribui para a superação de práticas pedagógicas descontextualizadas e culturalmente hegemônicas. Trata-se de um modelo didático que integra três eixos fundamentais — fazer artístico, leitura de imagens e contextualização sociocultural — orientados por uma perspectiva crítica e dialógica da arte e da educação. Sua aplicabilidade no ensino de arte em contextos rurais emerge como estratégia potente de mediação estética e valorização das culturas locais.

A Abordagem Triangular constitui, na acepção de Barbosa (2005), uma ferramenta metodológica que opera como dispositivo de mediação entre o sujeito e a obra de arte, integrando processos de criação, análise e reflexão histórica. Nessa perspectiva, a aprendizagem em arte transcende o domínio técnico ou o desenvolvimento de habilidades motoras, posicionando-se como prática epistêmica e política. A autora afirma que:

“O ensino da arte precisa estar articulado a processos significativos de leitura do mundo e de inserção cultural, de modo a transformar a escola em espaço de produção simbólica e de pertencimento. Quando desvinculada da vida cotidiana dos alunos, a arte torna-se mero adorno curricular, esvaziada de seu potencial formativo, crítico e emancipador” (BARBOSA, 2005, p. 42).

Essa concepção rompe com os paradigmas tradicionais que restringem o ensino de arte à reprodutibilidade técnica ou à apreciação acrítica de obras canônicas, muitas vezes distantes das referências culturais dos estudantes do campo. A proposta de Ana Mae Barbosa promove



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



a centralidade do sujeito no processo educativo e reconhece a arte como linguagem, expressão e instrumento de leitura da realidade. Os três eixos da abordagem — produção, fruição e contextualização — articulam-se como dimensões indissociáveis do fazer pedagógico em arte, convocando os estudantes a atuarem como intérpretes e produtores de significados.

No contexto da educação rural, onde prevalecem currículos pautados por uma lógica urbana, homogênea e eurocentrada, a Abordagem Triangular assume função contra colonizadora. Ao promover a integração entre as expressões culturais locais e as práticas escolares, ela possibilita o reconhecimento dos estudantes como sujeitos culturais ativos, cujas experiências estéticas e simbólicas merecem legitimação no espaço educativo. Tal concepção dialoga com os postulados de Stuart Hall⁶ (2006), para quem a identidade é construída no entrecruzamento das diferenças culturais, sendo constantemente ressignificada nos processos de representação:

“A identidade é formada no e através da diferença, e não fora dela. Isso significa que é nas representações da diferença que a identidade é produzida. A diferença é aquilo que permite que a identidade seja construída e mantida. No entanto, a diferença não é simplesmente um marcador de distinção, mas algo que carrega significados, que posiciona sujeitos e produz efeitos. Assim, a identidade está sempre em processo, nunca é fixada permanentemente” (HALL, 2006, p. 13).

Esse entendimento da identidade como processo e da cultura como espaço de negociação simbólica contribui para a valorização da arte como instrumento formativo e político. No caso das escolas do campo, onde saberes populares são frequentemente marginalizados, a Abordagem Triangular opera como estratégia de justiça cognitiva e estética.

6 Foi um teórico cultural britânico nascido na Jamaica, considerado um dos fundadores dos Estudos Culturais. Em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), Hall defende que a identidade não é fixa nem essencial, mas construída a partir de processos históricos, sociais e discursivos, especialmente nas representações da diferença.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



A valorização da cultura popular campesina por meio da análise crítica de imagens, do estudo contextual de manifestações artísticas locais e da criação de produções autorais possibilita a construção de um currículo em arte conectado ao território e à memória coletiva.

Ao articular as dimensões da criação, apreciação e reflexão histórica, a Abordagem Triangular não apenas amplia o repertório simbólico dos estudantes, mas promove a construção de subjetividades mais conscientes e críticas. O trabalho com artistas populares locais, como no caso de Dona Sebastiana, descrito por Cipriano (2016), revela que a aproximação entre arte e vivência estimula processos de identificação e pertencimento. Os estudantes passam a ver-se representados nos elementos formais e temáticos das obras, ressignificando a noção de arte e reconhecendo-se como sujeitos estéticos.

Ademais, a Abordagem Triangular convoca o professor a assumir um papel de mediador cultural e não apenas de transmissor de conteúdos. Tal deslocamento implica em uma formação docente crítica, capaz de reconhecer os repertórios visuais e simbólicos dos estudantes como ponto de partida para o processo de ensino-aprendizagem. Como destaca Paulo Freire (1996), a prática educativa emancipadora é aquela que respeita o saber dos educandos e promove a construção coletiva do conhecimento:

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, exige a corporificação das palavras pelo exemplo, exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação” (FREIRE, 1996, p. 25).

Dessa forma, o papel do educador em arte nas escolas do campo é o de um facilitador de experiências estéticas que promovam o diálogo entre as culturas escolares e comunitárias, ampliando os sentidos atribuídos à produção artística. A escola, ao incorporar a arte local no





currículo, torna-se espaço de resistência simbólica e de ressignificação de saberes historicamente subalternizados.

Além disso, é importante considerar que a Abordagem Triangular dialoga com as concepções contemporâneas de currículo integrador, conforme proposto por Hernandez⁷ (2000), ao defender que a arte deve ser compreendida como forma de conhecimento vinculada à experiência cotidiana dos sujeitos:

“A arte constitui uma forma de conhecimento profundamente vinculada ao cotidiano, pois possibilita ao sujeito não apenas expressar-se, mas compreender, interpretar e ressignificar suas próprias experiências de vida, atribuindo-lhes novos sentidos” (HERNANDEZ, 2000, p. 39).

Tal perspectiva consolida a arte como dimensão formativa essencial à educação integral e reafirma sua relevância no enfrentamento das desigualdades culturais presentes nos contextos rurais. A Abordagem Triangular, ao integrar as dimensões sensível, crítica e contextual da arte, constitui uma pedagogia da escuta, da pluralidade e da criação. No caso das escolas do campo, ela representa um meio para fortalecer identidades, promover pertencimento e construir pontes entre o saber escolar e o saber comunitário.

Em síntese, a Abordagem Triangular configura-se como ferramenta epistemológica e metodológica de mediação cultural profundamente comprometida com a democratização do acesso à arte, a valorização das expressões locais e a construção de um ensino de arte crítico, plural e transformador. Sua adoção em escolas do campo contribui para a consolidação de

7 É pesquisador espanhol e referência na área da educação artística. Em sua obra (*Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*, 2000), defende que a arte deve ser integrada ao cotidiano dos estudantes como forma de conhecimento, promovendo a interpretação crítica da realidade e a construção de sentidos a partir da experiência vivida.





práticas pedagógicas emancipatórias, alicerçadas na escuta ativa, na valorização da diferença e na produção de sentidos a partir das vivências e histórias dos sujeitos.

3. EXPERIÊNCIA COM A OBRA DE DONA SEBASTIANA E A PRODUÇÃO DOS ESTUDANTES

A presente seção analisa, à luz da Abordagem Triangular e das epistemologias da cultura visual, os efeitos pedagógicos e simbólicos da intervenção estético-formativa centrada na releitura das obras de Dona Sebastiana⁸, artista popular da região do Agreste pernambucano. Esta ação foi desenvolvida no âmbito de uma proposta metodológica crítica em uma escola do campo, tendo como objetivo central a articulação entre o ensino de arte e os referenciais culturais dos estudantes, com vistas à valorização de sua identidade coletiva, fortalecimento dos vínculos comunitários e ampliação do repertório expressivo.

A proposição didática estruturou-se a partir dos pressupostos da Abordagem Triangular (BARBOSA, 2005), promovendo a integração entre os eixos do fazer artístico, da fruição estética e da contextualização sociocultural. Essa tríade metodológica permitiu que os estudantes fossem inseridos em um processo de leitura crítica das imagens produzidas por Dona Sebastiana, compreendendo os elementos simbólicos e materiais presentes em sua obra como expressões legitimadas de um saber estético oriundo do campo. A mediação docente buscou, desde o início, reconhecer os saberes prévios dos alunos, ativar memórias afetivas e convocar a participação ativa na construção de significados estéticos ancorados na experiência vivida.

8 As obras de Dona Sebastiana, artista popular do Agreste pernambucano, são marcadas por elementos da cultura rural, como festas religiosas, cenas do cotidiano, fauna, flora e tradições orais. Produzidas com materiais simples e cores vibrantes, suas criações expressam uma estética espontânea e profundamente vinculada à identidade campesina.





A pesquisa de Cipriano (2016) é enfática ao afirmar que os impactos dessa vivência extrapolam a dimensão técnica ou formal da produção artística. Segundo a autora:

“A aproximação com a obra de Dona Sebastiana despertou nos alunos memórias afetivas e reconhecimento estético, pois se viram representados nas formas, temas e materiais utilizados” (CIPRIANO, 2016, p. 94).

Esse reconhecimento revela a importância da arte como instrumento de mediação entre os sujeitos e sua cultura, possibilitando que os estudantes deixem de ocupar a posição de espectadores passivos para assumirem o papel de sujeitos produtores de narrativas visuais e identitárias.

O exercício de releitura, nesse caso, não consistiu na mera reprodução de modelos estéticos, mas na ressignificação de elementos simbólicos pertencentes ao universo cultural dos estudantes. A oralidade, a religiosidade popular, as festas tradicionais, as paisagens sertanejas e os materiais rústicos foram mobilizados na criação de obras que expressavam vivências cotidianas e experiências sensoriais profundamente vinculadas ao território. A produção artística dos discentes, portanto, emergiu como manifestação legítima de um saber estético situado, em oposição às práticas escolares que reproduzem cânones descontextualizados e eurocentrados.

Como sustenta Tomaz Tadeu da Silva⁹ (2009), a seleção dos conteúdos curriculares e das referências visuais no ensino de arte não é neutra, pois expressa disputas simbólicas em torno da legitimidade cultural. O autor afirma que:

9 É educador e pesquisador brasileiro, conhecido por suas contribuições às teorias do currículo. Em *Documentos de identidade* (2009), argumenta que o currículo é um dispositivo de poder que seleciona e legitima determinados saberes, ao mesmo tempo em que silencia outros, reproduzindo hierarquias culturais e desigualdades sociais.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



“Os currículos funcionam como dispositivos de poder que, ao definirem o que deve ser ensinado, também determinam quais saberes são considerados legítimos, excluindo outros modos de conhecimento e reforçando relações de dominação cultural. Ao privilegiar determinadas expressões estéticas em detrimento de outras, o currículo impõe uma hierarquia simbólica que reproduz desigualdades históricas e epistemológicas” (SILVA, 2009, p. 96).

A opção por trabalhar com a produção de Dona Sebastiana, nesse contexto, rompe com tal lógica de exclusão simbólica, uma vez que insere no espaço escolar um repertório artístico oriundo da própria comunidade. Essa inserção opera como um gesto de resistência cultural, ao afirmar que os saberes produzidos nas margens — e não apenas aqueles legitimados pelas instituições formais de arte — possuem valor pedagógico, estético e político. O projeto pedagógico implementado demonstra que, ao reconhecer a arte local como objeto de ensino, a escola contribui ativamente para a reconstrução identitária dos estudantes do campo e para o fortalecimento de sua autoestima sociocultural.

Além disso, o processo de releitura estética proporcionou aos estudantes a apropriação de novas linguagens e códigos visuais, promovendo o trânsito entre o tradicional e o contemporâneo. Como destaca Fernando Hernández¹⁰ (2000), a arte no contexto escolar deve possibilitar a construção de sentidos a partir das experiências vividas, funcionando como instrumento de leitura e transformação da realidade:

“A arte constitui uma forma de conhecimento profundamente vinculada ao cotidiano, pois possibilita ao sujeito não apenas expressar-se, mas compreender, interpretar e ressignificar suas próprias experiências de vida, atribuindo-lhes novos sentidos. É através da produção simbólica que os estudantes reconstruem sua

10 É professor e pesquisador espanhol, com destaque na área da educação artística. Em sua obra de 2000, defende que a arte na escola deve estar vinculada à cultura visual e à experiência cotidiana dos estudantes, promovendo a reflexão crítica e a ressignificação das vivências pessoais como forma de aprendizagem significativa.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



relação com o mundo, projetando-se como sujeitos de ação estética e crítica” (HERNÁNDEZ, 2000, p. 39).

Assim, a prática pedagógica desenvolvida foi intencionalmente orientada para que os estudantes não apenas reconhecessem Dona Sebastiana como artista de sua região, mas também como alguém que, por meio da arte, comunica valores, crenças e modos de vida partilhados coletivamente. A produção das releituras revelou uma potência simbólica singular, marcada pela presença de cores vibrantes, texturas orgânicas e composições narrativas que traduzem o cotidiano rural com sensibilidade e precisão.

Outro aspecto relevante a ser destacado é o papel da arte como espaço de reconstrução da memória coletiva e da ancestralidade. Os relatos dos estudantes e os temas abordados em suas obras indicam a presença de afetos, saberes intergeracionais e experiências transmitidas oralmente no seio das famílias e comunidades. Tal fenômeno pode ser compreendido à luz da reflexão de Stuart Hall¹¹ (2006), ao afirmar que:

“A identidade cultural não é algo essencial ou fixo, mas uma construção processual, constantemente reelaborada em contextos históricos e sociais específicos. A cultura popular, nesse sentido, não é residual ou primitiva, mas uma forma ativa de produção de sentido, que articula experiências de resistência, pertencimento e memória” (HALL, 2006, p. 38).

A valorização dessas referências no espaço escolar, portanto, constitui uma estratégia de reconstrução simbólica que devolve aos estudantes do campo o direito de se verem representados nas linguagens escolares. A Abordagem Triangular, ao articular criação, fruição e contextualização, promove o deslocamento da arte como atividade periférica e a reinsere

11 Foi um importante teórico dos Estudos Culturais. Em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), argumenta que a identidade é um processo contínuo de construção, moldado pelas diferenças culturais, pelas representações e pelas relações de poder, sendo sempre histórica, contextual e mutável.





como núcleo estruturante do currículo, dotada de densidade formativa e de potencial emancipador.

Nesse processo, é fundamental destacar o papel do docente como mediador estético e cultural. Longe de impor conteúdos ou modelos prontos, o professor deve assumir a escuta como princípio pedagógico, reconhecendo nos estudantes seus repertórios sensíveis e sua capacidade criadora. A mediação docente é responsável por favorecer condições para a emergência de produções autorais, carregadas de significado e de pertencimento, rompendo com o paradigma transmissivo e unidirecional.

Conforme observa Cipriano (2016, p. 102):

“A experiência com a arte popular promoveu maior engajamento dos alunos, que passaram a compreender a arte como algo próximo de sua realidade e não como algo distante ou inacessível”.

Tal envolvimento reflete a eficácia da prática pedagógica baseada na cultura local, pois promove um ambiente de aprendizagem que reconhece os sujeitos em sua inteireza estética, histórica e política.

Em síntese, a experiência de releitura das obras de Dona Sebastiana nas escolas do campo evidencia o potencial da Abordagem Triangular como estratégia metodológica eficaz para a valorização das culturas camponesas. Ao ativar memórias, articular vivências e produzir narrativas visuais significativas, o ensino de arte torna-se um espaço de resistência simbólica, de produção de identidades e de democratização estética. Essa prática não apenas legitima saberes locais, mas também transforma o ambiente escolar em território de criação, pertencimento e emancipação cultural.





4. REFLEXÃO TEÓRICO-PRÁTICA SOBRE OS EIXOS DA ABORDAGEM TRIANGULAR: LEITURA, CONTEXTUALIZAÇÃO E PRODUÇÃO COMO DISPOSITIVOS DE AUTONOMIA E EXPRESSÃO CULTURAL NO ENSINO DE ARTE NAS ESCOLAS DO CAMPO

A seção se propõe a aprofundar a análise crítica da aplicação da Abordagem Triangular no contexto da educação do campo, com ênfase no desdobramento articulado dos três eixos que a compõem — leitura, contextualização e produção —, compreendidos não como etapas estanques, mas como dimensões interdependentes de um processo pedagógico que visa à formação estética crítica, à valorização da cultura local e à emancipação dos sujeitos. A prática pedagógica aqui analisada, fundamentada na releitura das obras da artista popular Dona Sebastiana, operou como estratégia de integração curricular e de afirmação identitária dos estudantes, promovendo a arte como linguagem de expressão, pertencimento e ação sociocultural.

O primeiro eixo da Abordagem Triangular refere-se à leitura de imagens, entendida como exercício interpretativo que extrapola a mera observação técnica ou formal, engajando os sujeitos na construção de significados a partir da articulação entre repertório cultural e referências visuais. A leitura estética, nesse contexto, assume caráter dialógico e relacional, sendo mediada pelas vivências, memórias e sensibilidades dos estudantes. Ao explorar as obras de Dona Sebastiana, os discentes não apenas descreveram formas, cores e texturas, mas ativaram conexões com o cotidiano, reconhecendo nos elementos compositivos da artista representações simbólicas de seu território, de sua religiosidade, de suas festas e de suas paisagens afetivas.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



Esse processo de leitura interpretativa está em consonância com a concepção crítica da educação estética defendida por Rancière¹² (2002), para quem a arte deve ser acessada pelos sujeitos como experiência sensível de ruptura com as hierarquias tradicionais do saber:

“A política da arte consiste em desfazer as distâncias instituídas entre os que sabem e os que não sabem, entre os que falam e os que escutam, entre os que veem e os que são vistos. Quando a arte se apresenta como experiência compartilhável, ela rompe com a lógica da exclusão e reconfigura os lugares possíveis de enunciação e percepção. Nesse sentido, o espectador é emancipado não quando é instruído sobre o que ver, mas quando é reconhecido em sua capacidade de sentir, pensar e interpretar” (RANCIÈRE, 2002, p. 18).

Ao serem reconhecidos como leitores competentes de imagens oriundas de seu universo cultural, os estudantes do campo apropriam-se da arte como território legítimo de enunciação, superando o lugar passivo que muitas vezes lhes é imposto por currículos hegemônicos e descontextualizados. A prática da leitura visual possibilita, portanto, o deslocamento epistêmico do aluno como receptor para o aluno como intérprete ativo, conferindo-lhe agência na construção de sentidos e saberes.

A segunda dimensão da Abordagem Triangular, a contextualização, foi operacionalizada por meio do estudo da trajetória de vida da artista Dona Sebastiana e da análise das condições históricas, sociais e culturais que permeiam sua produção. Essa etapa proporcionou a compreensão da arte como fenômeno situado, atravessado por marcadores de classe, território, gênero e memória coletiva. A investigação sobre a biografia da artista e

12 Filósofo francês, conhecido por seus estudos sobre política, estética e educação. Em *O espectador emancipado* (2002), propõe que todos os sujeitos são capazes de interpretar e atribuir sentido às experiências artísticas, defendendo uma pedagogia que reconheça a autonomia intelectual dos estudantes e rompa com hierarquias entre saberes.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



sobre os elementos materiais e simbólicos de sua obra favoreceu a construção de um conhecimento situado, ancorado na realidade sociocultural dos estudantes.

A contextualização, nesse sentido, opera como chave hermenêutica para a compreensão ampliada da obra artística e como dispositivo de valorização das epistemologias locais. Como afirma Ana Mae Barbosa (2005), a contextualização é essencial para que a leitura e a produção em arte não se limitem à superfície formal, mas sejam capazes de promover processos de análise crítica e de reconhecimento identitário:

“A contextualização no ensino da arte é o que permite a compreensão da obra como construção histórica e social, situada em um tempo, lugar e cultura específicos. Sem esse processo, a aprendizagem se torna fragmentada e tecnicista, impedindo a formação de um olhar crítico e comprometido com a diversidade. É pela contextualização que os estudantes podem perceber as obras como documentos culturais, portadores de significados que dialogam com suas próprias vivências” (BARBOSA, 2005, p. 58).

No caso das escolas do campo, a contextualização das obras de arte produzidas por artistas populares locais cumpre dupla função: por um lado, promove a inserção de novos referenciais culturais no espaço escolar, rompendo com o cânone excludente; por outro, ressignifica a própria escola como lugar de produção e circulação de saberes periféricos, reconfigurando as relações entre cultura e educação.

A terceira dimensão da abordagem, o fazer artístico, consolidou-se como momento de expressão autêntica e de materialização das aprendizagens simbólicas e críticas promovidas nas etapas anteriores. Munidos de repertório visual e sensível, os estudantes foram instigados à criação de obras autorais, utilizando técnicas como pintura, colagem e escultura com materiais naturais e reciclados, amplamente disponíveis no território. A produção artística,



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



nesse contexto, não foi orientada por modelos ou padrões externos, mas pela evocação das experiências estéticas, afetivas e culturais dos próprios alunos, convertendo-se em um processo de autorrepresentação e autoria estética.

Essa dimensão do fazer não pode ser reduzida a uma prática artesanal ou intuitiva, mas deve ser compreendida como exercício epistemológico, por meio do qual os sujeitos constroem conhecimento a partir da experiência criadora. Como observa Paulo Freire (1996):

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as condições para sua produção ou construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, exige a corporificação das palavras pelo exemplo, exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação” (FREIRE, 1996, p. 25).

No processo de produção artística, os estudantes reconfiguraram sua relação com o saber escolar, deixando de ser meros receptores de conteúdos para se tornarem autores de imagens e discursos visuais. Tal movimento é essencial para a construção da autonomia estética e para o fortalecimento das subjetividades criadoras. A autoria, nesse sentido, é um dos pilares da resistência cultural e da justiça simbólica, pois afirma o direito dos sujeitos de expressarem seus mundos por meio de linguagens próprias.

Além disso, o fazer artístico como prática pedagógica situada contribui para a ampliação das formas de comunicação e para a valorização das múltiplas inteligências dos estudantes. A escola, ao acolher as produções dos alunos como documentos legítimos de saber, transforma-se em espaço de escuta, acolhimento e valorização da diversidade expressiva.





Por fim, a articulação entre leitura, contextualização e produção promove um processo de aprendizagem integral, que envolve cognição, sensibilidade, memória e ação criadora. Essa integração metodológica, sustentada na Abordagem Triangular, reconfigura o ensino de arte nas escolas do campo como prática estética e política, comprometida com a valorização dos saberes locais, com o reconhecimento das subjetividades e com a democratização dos processos formativos.

A experiência pedagógica aqui relatada evidencia que o desenvolvimento articulado dos três eixos da Abordagem Triangular constitui um potente dispositivo de formação crítica, especialmente quando aplicado em contextos de vulnerabilidade simbólica e exclusão cultural. Ao permitir que os estudantes leiam, compreendam e produzam arte a partir de suas próprias referências, essa metodologia reafirma o papel da arte como ferramenta de transformação e como linguagem de afirmação identitária no cotidiano escolar das populações do campo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo evidencia que a aplicação da Abordagem Triangular no ensino de arte, especialmente em contextos rurais, constitui uma estratégia metodológica robusta e socialmente relevante para a valorização da cultura campesina no ambiente escolar. Ao integrar os eixos da produção artística, da leitura de imagens e da contextualização sociocultural, essa abordagem permite não apenas o desenvolvimento de competências estéticas, mas, sobretudo, o fortalecimento de vínculos identitários, a ampliação da consciência crítica e o reconhecimento dos sujeitos do campo como protagonistas de sua própria história visual e cultural.

A experiência com as obras de Dona Sebastiana, artista profundamente enraizada nas tradições do Agreste pernambucano, revelou o potencial da arte como mediadora entre o





currículo escolar e as vivências comunitárias. Os estudantes, ao se verem representados nas imagens, temas e materiais da artista, ampliaram sua compreensão sobre o valor da arte popular, ressignificando sua própria capacidade expressiva e percebendo-se como produtores legítimos de conhecimento estético. Tal processo, articulado por uma prática docente comprometida com a escuta, a mediação e o respeito aos saberes locais, transformou o espaço escolar em território de pertencimento e resistência simbólica.

A Abordagem Triangular, portanto, não se limita a uma técnica didática, mas se apresenta como uma epistemologia da arte/educação que se ancora na pluralidade cultural e na democratização do saber. Sua aplicação no contexto das escolas do campo aponta caminhos concretos para a construção de uma educação sensível à diversidade, politicamente engajada e culturalmente situada. Assim, reafirma-se que o ensino de arte, quando sustentado em metodologias críticas e contextuais, é capaz de romper com paradigmas excludentes e de contribuir efetivamente para uma formação integral, emancipadora e profundamente enraizada nas realidades dos sujeitos do campo.

6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte/educação como mediação cultural*. São Paulo: Cortez, 2005.

CIPRIANO, Suzete Rodrigues Cordeiro. *O ensino de arte nas escolas do campo: práticas e possibilidades*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. In: HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, M. (org.). A formação do professor em educação artística: da mudança individual à transformação social. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 29–53.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Recebido em: 14/05/2025

Aprovado em: 11/06/2025

Publicado em: 22/07/2025

